

# A IMAGEM DE NOSSA SENHORA APARECIDA E OS PROTAGONISTAS DE SUA DEVOÇÃO

## *Thereza e Tom Maia*

*Thereza Maia: Formada em Pedagogia e História em 1971. Pós-graduação em Metodologia da Pesquisa Histórica, pela Faculdade Salesiana de Lorena.*

*Professor de Economia Política, Advogado, Promotor de Justiça. Desde 1970, com desenhos a bico-de-pena e publicação de livros, se dedica à preservação do patrimônio histórico brasileiro, pertencendo à Comissão de Apoio ao CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo.*

### **RESUMO:**

O texto busca resgatar a história e iconografia da imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e dos pescadores que a encontraram, em 1717, por meio da análise da narrativa do Primeiro Livro Tombo da Matriz de Santo Antônio.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Nossa Senhora Aparecida; Domingos Martins Garcia; João Alves; Felipe Pedroso; Atanásio Pedroso.

### **ABSTRACT:**

The text seeks to rescue the history and iconography of the image of Our Lady of the Conception Aparecida and of the fishermen who found it in 1717 by analyzing the narrative of the First Tombo Book of the Matrix of St. Anthony.

### **KEYWORDS:**

Our Lady Aparecida; Domingos Martins Garcia; João Alves; Felipe Pedroso; Athanasio Pedroso



Um documento do Arquivo Memória de Guaratinguetá do Museu Frei Galvão, da década de 1940, de autoria do historiador e genealogista **Frei Adalberto Ortmann** nos narra o achado da imagem e, o que é **inédito**, nos fornece dados pessoais e familiares sobre os personagens ligados a este acontecimento.

Sobre o encontro da imagem, o autor se baseia na narrativa do Primeiro Livro Tombo da Matriz de Santo Antônio.

O Livro traz também os nomes de todas as pessoas que narraram o encontro da imagem ao Vigário de Guaratinguetá, em 26 de julho de 1745, e que, baseado nesses depoimentos, redigiu o fato no Livro Tombo.

O fato do encontro da imagem só foi registrado em 1757 porque o verdadeiro primeiro Livro Tombo da Matriz fora destruído em 1729, por uma tempestade muito grande que descobriu a igreja e se arruinaram várias casas e não estando os Livros em bom estado também pereceram, de sorte que os livros que servem são rubricados em 1731.

As informações sobre cada um desses personagens é que foram o objeto da valiosa pesquisa de Frei Ortmann, duzentos e vinte cinco anos depois do encontro da imagem. Desse documento, o Museu Frei Galvão selecionou e sintetizou os principais dados sobre os pescadores e os doadores dos primeiros bens da Padroeira do Brasil.

## DOMINGOS MARTINS GARCIA

### – PESCADOR

Natural de Guaratinguetá. Era filho de Jeremias Martins e Helena Garcia. Foi casado duas vezes. Em primeiro matrimônio com **Vicência Tavares**, viúva de Gaspar Gomes Pereira, teve os filhos:

1º) **Antônio Raimundo** – casado em Guaratinguetá com Isabel da Silva, a 27 de agosto de 1739. Esta era filha de Estevão Barbosa (ou de Brito) e de Rosa, escrava

do pai de Estevão, Capitão Antônio Raposo Barbosa, Alferes da Vila de Guaratinguetá em 1728 e homem de projeção social

2º) **João** – batizado a 14/6/1720, tendo por padrinhos dois insignes guaratinguetenses, Salvador da Mota Pais – descendente do capitão Pedro da Mota Leite, fundador da cidade de São Sebastião e dona Margarida Nunes Rangel, que veio a doar o Morro dos Coqueiros (ou Palmeiras) para a construção da atual Basílica Velha.

3º) **Isabel Tavares** – batizada em 11/7/1723 com os padrinhos Domingos Martins Lima e Maria Garcia, “moradores e naturais desta vila”. Casou-se em 1753 em Guaratinguetá com Sebastião de Freitas, natural de Pindamonhangaba e viúvo de Rosa Maria Garcia.

Em segundas núpcias Domingos Martins Garcia casou-se com **Eugênia Maria da Veiga**, com os seguintes filhos:

1º) **Andreza** – batizada em 6/12/1726, tendo por padrinhos Inácio Ribeiro e a avó materna Sebastiana Rodrigues, todos naturais de Guaratinguetá.

2º) **Margarida** – batizada em 23/10/1740, tendo como padrinhos João Mendes de Amorim e Antonia Rodrigues de Miranda.

3º) **Maria Francisca Martins** – batizada em 15/10/1742, com os padrinhos Francisco de Almeida Leme e Branca Raposo (provavelmente irmã do padrinho), casada em 1761 em Guaratinguetá com Pedro da Silva Barbosa, filho de Rosa, escrava de Antônio Raposo Barbosa.

4º) **Francisco** – batizado em 9/8/1744, com os padrinhos Lourenço da Silva Pimentel e Maria Nunes do Prado.

5º) **Catarina** – batizada em 4/10/1746, sendo padrinhos João Alves Chaves e Maria de Almeida.

## JOÃO ALVES – PESCADOR

É difícil identificar o João Alves, que recolheu a imagem de Nossa Senhora, por não lhe conhecermos o segundo

sobrenome, e por usarem muitas vezes os nomes Alves e Álvares. No Iº Livro de Batizados de Guaratinguetá, onde estão lançados os batizados de 1719 a 1728, só encontramos duas pessoas com o sobrenome de Alves: Romão Alves e João Alves da Costa, casado com Catarina Moreira, estes mandando batizar o filho Antônio aos 18 de julho de 1726. É possível ser ele o feliz pescador de 12 de outubro de 1717.

### FILIFE PEDROSO E ATANÁSIO PEDROSO – PESCADORES

Filipe Pedroso foi casado com Maria Pedroso e deste casal há a filha Thereza, batizada a 9 de agosto de 1725, tendo como padrinho Manuel Luiz Gomes, o qual está registrado em 20/6/1727 como senhor de escravos. Filipe Pedroso foi casado duas vezes. Em segundas núpcias, com Verônica da Silva, falecida em 1745. Foi ele que guardou a imagem por 15 anos em sua casa, com culto familiar e popular. Ao se mudar do local entregou-a a seu filho Atanásio.

**Atanásio Pedroso**, filho de Filipe Pedroso, era casado com Rosa Maria do Prado, em primeiras núpcias e em segundas núpcias com Maria Alvarenga (ou Moreira?), pois em 1742 encontramos uma filha deste casal, Maria, batizada em fevereiro deste ano, tendo como padrinhos o Capitão Antônio Raposo Barbosa e Francisca Vieira.

Construiu um oratório para a devoção à Santa, origem da primeira Capela em seu louvor. Seus descendentes não foram localizados.

### A ORIGEM DA IMAGEM DA SANTA

*A imagem sem manto, antes do restauro de 1946. Foto de André Bonotti em 1924.*



Aparecida em Guaratinguetá no ano de 1717, no rio Paraíba, à altura do Porto de Itaguaçu, a imagem morena de Nossa Senhora da Conceição logo se tornou centro de notável devoção, que culminaria em alçá-la a Rainha e Padroeira do Brasil. Tão marcante foi seu encontro que passou a dar nome ao lugar em que o fato ocorreu, inversamente do que aconteceu em outros grandes centros de peregrinação religiosa, como Fátima, Lourdes e Lujan, cujos topônimos passaram a designar a aparição da Santa ou sua origem.

Em Aparecida, porém, aconteceu a exceção. O adjetivo usado para indicar a condição do encontro da imagem passou a deno-

minar o lugar onde, em torno da primitiva capela erguida em seu louvor, logo se formou e se desenvolveu uma povoação. Caso tivesse sido seguido o costume geral, a santa receberia o nome de Nossa Senhora de Guaratinguetá, uma vez que seu encontro se deu em águas guaratinguetaenses. Na verdade Aparecida somente se emanciparia politicamente de Guaratinguetá no ano de 1928, portanto 211 anos após o achado milagroso no rio Paraíba.

No capítulo *“A imagem jogada no rio (A Serpente)”*, do livro *“Jacareí Sua História”*, de autoria do historiador Benedicto Sergio Lencioni, encontramos estas versões sobre a origem da santa:

“Os moradores da vila, gente simples, viviam assustados: ... havia no rio uma serpente, que “come” as margens e, assim, acabaria destruindo a Igreja e a própria vila. Para acalmá-los o padre programou um ato religioso e organizou uma pequena procissão.

Às margens do rio, do alto do barranco, o padre parou. Parou também de rezar e foi cercado pelos moradores. Todos olhavam aguardando a ação do religioso, que disse algumas palavras em outra língua, que ninguém entendeu. Depois... benzeu-se com a mão esquerda e jogou nas águas do rio a pequena imagem que, imediatamente afundou. Um morador, como anteriormente combinado, jogou-se n’água para recuperar a santa, mas não conseguiu. A imagem de Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da vila, uma imagem de barro cozido, feita por um santeiro anônimo, rodou rio abaixo, empurrada pela correnteza do rio Paraíba”.

“Diz a lenda que a imagem encontrada pelos pescadores no porto de Itaguassu no rio Paraíba, é originária de Jacareí. Contam-se duas histórias que atribuem a origem da santa a esta cidade. Uma falando de monstros chamados minhocões que faziam grandes estragos na região ribanceira do rio Paraíba, e

que teriam desaparecido quando uma velha colocou a imagem no rio sobre uma cabaça. A outra referindo ter sido a imagem feita por um escravo para suportar os maus tratos que sofria, sendo obrigado a jogar a santa no rio, quando foi descoberta sua devoção. Na era colonial, Nossa Senhora da Conceição era uma devoção muito comum, convindo lembrar que Jacareí foi fundada em 1653 sob a invocação de “Nossa Senhora da Conceição do Paraíba” (p. 81).



Uma nova versão do achado da imagem foi publicada em “**Senhora Aparecida**” de autoria de Tereza Galvão Pasin, que transcreve um dos relatos do Padre Valentim Mooser, C.Ss.R, referente à imagem:

“Os antigos moradores de Aparecida contam que em Roseira Velha, antes do encontro da Imagem, numa fazenda à margem do rio Paraíba, havia uma capela com uma imagem de Nossa Senhora para veneração e para as devoções dos escravos do lugar. A pequena capela ficava bem na ribanceira do rio: as águas tranquilas do Paraíba, por ocasião das chuvas, avolumam-se, transformando em caudal agitado o leito do rio. A correnteza forte vai aluindo as margens e barrancos e leva de arrastão tudo o que encontra no caminho. A pequenina capela dedicada a Nossa Senhora e na qual os escravos a invocavam piedosamente nunca mais foi vista após uma estação de chuvas torrenciais. E nunca mais se soube da imagem de Nossa Senhora. Há, portanto, a possibilidade de ter sido esta pequenina imagem levada pela corrente do rio e achada depois na prodigiosa pesca de 1717, na predestinada curva do Paraíba, onde Ela se teria abrigado até o dia providencial de Seu Aparecimento para o amor e piedade de seus filhos”.

Uma outra capela pode ter sua história ligada à origem da imagem. É a **Capela dos Correias**, situada entre Pindamonhangaba e Guaratinguetá, junto ao rio Paraíba, na fazenda do Capitão José Corrêa Leite. Sobre ela, o jornalista Rodrigo Alvarez em seu livro “**Aparecida**” registra um documento do arquivo da Curia Metropolitana de Aparecida que narra que “há a tradição que formando uma mulher a dita santa e levando-a à Capela dos Correias, para um sacerdote, a benzer, para ela a venerar... o padre... não a quis benzer, e dividindo a cabeça do corpo a lançara ou fizera lançar neste rio Paraíba, o que é bem provável acontecesse...”.

Continua o autor Rodrigo Alvarez: ... “se a tradição estiver certa... Aparecida ficou no máximo cinco anos dentro do rio... Basta fazer a conta: como a capela do Capitão José Correia foi inaugurada em 1712 e a imagem foi encontrada em 1717, a oferta de tal imagem... só pode ter acontecido nos cinco anos que se passaram entre a inauguração e o resgate da imagem nas águas do Paraíba”. (p.90).

Foi nessa Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Correias, que, em 1733, se casaram Isabel Leite Correia de Barros (filha do proprietário da fazenda) e Antônio Galvão de França. São os pais do futuro Santo Frei Galvão, nascido em 1739 em Guaratinguetá e primeiro brasileiro na glória dos altares.

Quanto à Capela, anos depois, foi destruída com toda sua documentação, por uma grande enchente do rio Paraíba. Foi então construída uma nova Capela, em lugar mais seguro, no mesmo bairro de Tetequera.

O relato de Paulo Seabra, em seu livro “**O Retrato de Nossa Senhora**” difere das narrativas anteriores sobre a origem da imagem, aumentando o mistério sobre a mesma. Escreve o autor: “a escultura encontrada no rio seria uma cópia da Virgem de Guadalupe, trazida de Sergipe por descendentes do capitão-de-guerra Pedro Homem da Costa, um dos arautos do culto à Senhora Morena naquela capitania. Eles vieram para São Paulo e formaram uma fazenda perto de Guaratinguetá, onde ergueram uma ermida em homenagem à santa mexicana. Pouco depois, devido a disputa com os mamelucos, a capela foi arrasada e a imagem quebrada em duas partes: cabeça e corpo. Segundo as crônicas da época, os sacrílegos ordenaram a um escravo que fizesse desaparecer a efígie e ele provavelmente atirou os fragmentos no rio. Este fato aconteceu na primeira década do século XVIII, portanto alguns anos antes da pesca da imagem da Virgem Aparecida”.

A origem da imagem sempre foi motivo de busca e mistério. Em 1944, o Cônego F.M. Bueno de Sequeira publicou “**Aparecida - Uma novela sobre a história da imagem antes de ter sido encontrada no**

**Rio Paraíba em 1717**". O prefácio da primeira edição é do Pe. Antônio d'Almeida Moraes Júnior -Pároco de Guaratinguetá. Em 2016 volta a ser editado, com Prefácio de Rodrigo Alvarez, jornalista, correspondente da TV Globo em Berlim e autor dos best-sellers "Aparecida" (2014) e "Maria" (2015). Escreve ele *que o livro-novela, "resgatado das águas profundas de um (quase) esquecimento, aproxime-nos ainda mais dessa imagenzinha de barro que vai completando 300 anos e, por razões religiosas, culturais e até políticas, tornou-se inseparável da história do Brasil"*.

### AUTORIA DA IMAGEM

**Quanto à autoria da imagem**, "o primeiro a estudá-la foi Pedro de Oliveira R. Neto, conhecedor da imaginária brasileira no período seiscentista e que apresentou sua opinião em Conferência proferida no Jubileu de Ouro e Rosa de Ouro em 1970. Observou que *"na segunda metade do século dezessete, devotos da Senhora da Conceição que migravam de São Paulo, disputavam a posse de suas imagens"*. Todas estas imagens, diz Pedro de Oliveira, puderam ter sido transportadas por seus devotos de outros lugares onde foram feitas, e esse é o caso da Imagem de Nossa Senhora Aparecida", encontrada em 1717, nas águas do Paraíba.

Os peritos em cerâmica religiosa estão certos que a Imagem foi moldada por Frei Agostinho de Jesus que trabalhou em São Paulo e em Santana do Parnaíba onde foram encontradas obras suas.

Da mesma opinião é Percival Tirapeli, autor de **"Igrejas Paulistas: Barroco e Rocó"** que também considera *"a imagem de Nossa Senhora Aparecida, obra de escultor beneditino Frei Agostinho de Jesus, sendo característica do frei carioca o panejamento, as feições delicadas, os ornamentos no cabelo e na fronte, três pequenas gotas como pérolas, como usava seu mestre frei Agostinho da Piedade.*

*Em termos de imaginária, é classificada como imagem de oratório e iconograficamente leva os atributos da lua, rosto de anjo e nuvens no pé.*

*A ausência de policromia se deve ao fato de a imagem ter permanecido nas águas do rio Paraíba".*

Em **"Imagens Religiosas de São Paulo"**, **Eduardo Etzel**, especialista e pesquisador da arte sacra brasileira, oferece esta descrição, em 1971: *"A imagem no seu aspecto original, é de Nossa Senhora da Conceição, em barro, com 39 centímetros de altura e grande beleza. Vê-se um caprichado trabalho de escultura na cabeça, com o rosto proporcionado e rechonchudo e os cabelos formando caracóis a lembrar rosas. O panejamento é rico em movimentos, embora com sobriedade, predominando as linhas retas... Luas, grossas e espessas, saem da base da imagem e alcançam pouco acima da linha das vestes..."*.

No ano de 2016 foi publicado o livro **"A história de Dois Restauros – meu encontro com Nossa Senhora Aparecida"**, de autoria de Maria Helena Chartuni, artista e restauradora da imagem da Santa que em 1978, sofreu grave atentado partindo-se em mais de duzentos pedaços. Na obra, a autora apresenta valiosos dados técnicos sobre a imagem, *"uma escultura em terracota. É provável que fosse policromada, originalmente. Achou-se pequeno sinal de cor vermelha, mas devido a permanência na água, essa policromia se perdeu. Quanto à sua base, é um suporte circular de prata, obra do prateiro F.L.C. (Felipe Lopes Cardoso, marca de ourives do Porto – Portugal), com a seguinte inscrição: J.M.M, Vgrio Bisp/6 de março de 1875. A base não fazia parte da imagem original, sendo colocada nessa data para dar-lhe estabilidade"*.

*Fotos da Imagem de N.Sra. Aparecida após sua restauração realizada pelo Padre Alfredo Morgado, redentorista, em 1946. Para melhor fixação da cabeça, foi refeita parte dos cabelos e do pescoço, usando cimento e serragem.*

## O MANTO SAGRADO

Sobre o manto de Nossa Senhora há poucas descrições, bem como não se sabe a data que começou a ser usado. Em um inventário sobre os bens e alfaías da Senhora Aparecida consta “*um manto de gala encarnado, com ramos de ouro e renda de prata forrado de tafetá carmesin*” e “*um dito manto na mesma Senhora, de rendas de carmesin e com ramos de ouro sobre seda branca, doado por Francisco Soares Bernardes, da cidade de Mariana, Minas Gerais*”. Este inventário é datado de 5 janeiro de 1750 e faz parte do Arquivo da Curia Metropolitana de Aparecida.

Em Inventário da Capela datado de 1805 a Santa já possuía cinco mantos.

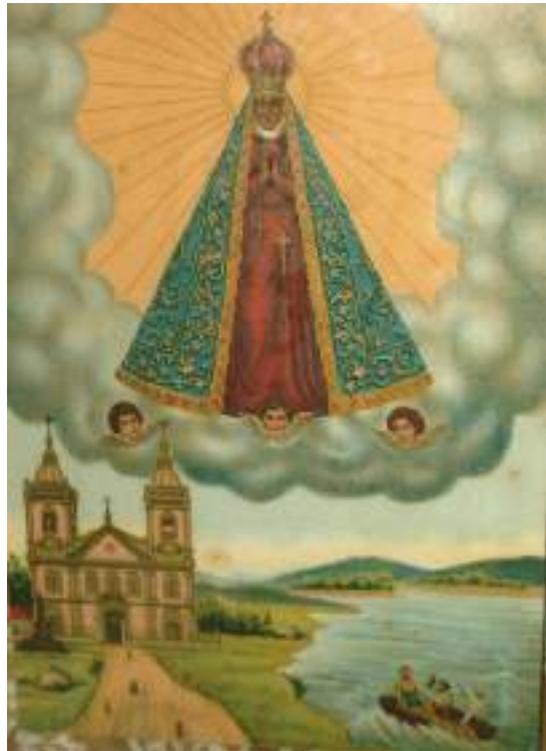
Em 1861, Emílio Augusto Zaluar em sua “Peregrinação pela Província de São Paulo (1850-1861)”, descreve a “... *Imagem da Nossa Senhora Aparecida, que refulge no altar-mor, adornada com um precioso manto de veludo azul, ricamente bordado de ouro*”.

Ao visitarem a Capela de Aparecida, em 7 e 8 de dezembro de 1868, a Princesa Isabel e o Conde d’Eu assistiram a novena em louvor à Santa. Após a novena, a Princesa ofereceu à Senhora Aparecida um rico manto com 21 brilhantes representando os 21 estados brasileiros.

Após a coroação em 1904 a Imagem passou a usar somente manto azul, de cetim ou veludo.

Muitos mantos bordados e enfeitados se sucederam, dando origem à “cerimônia da troca do manto” ainda existente. O manto retirado torna-se relíquia da Santa, e colocado em quadro é oferecido a personalidades ligadas à história de Aparecida. Um desses quadros foi oferecido ao Dr. João Baptista Rangel de Camargo, pelo Cardeal Motta, Arcebispo de Aparecida na década de 1950, como lembrança de sua luta, quando Deputado Estadual, pela emancipação do município de Aparecida.

Hoje este quadro faz parte das lembranças de Aparecida na casa da rua Frei Galvão, em Guaratinguetá, onde viveu o Deputado.



No ano de 2016 a **Cerimônia da Bênção do Manto**, realizada na Capela Reservada do Santuário Nacional, celebrou também o aniversário da Rede Aparecida de Comunicação, no dia 12 do mês de setembro. São 65 anos da Rádio, 11 anos da TV Aparecida e 6 anos do Portal A12, rumo aos 300 anos do Encontro Milagroso da Santa nas águas do rio Paraíba do Sul.

A emocionante cerimônia contou com a presença de mais de cem devotos de Nossa Senhora, de Padres e funcionários da Basílica.

A **bênção** se estendeu sobre metros de tecido azul que se tornaram relíquias do Manto Sagrado, distribuídas de modo especial, aos participantes da Família Campanha dos Devotos da Santa Padroeira do Brasil.